

Autoria continuada no modelo CEDERJ

Continuous authorship in the CEDERJ model

Leonardo Villela de Castro
leocastro1960@gmail.com

Anelize Reynoso
anelizeunirio@gmail.com

Thais Atty
thais.atty@gmail.com

Larissa Correia
laricmv95@gmail.com

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

RESUMO

Este artigo procura discutir a questão da autoria na Educação a Distância no modelo do consórcio CEDERJ, de acordo com uma pesquisa que analisou pontos de vista dos sujeitos envolvidos no modelo - coordenadores de disciplina e professores-tutores à distância, especificamente. Com base nas respostas desses sujeitos, discutiremos algumas práticas do que denominamos de autoria continuada, fundamentados pela concepção de polidocência defendida por Mill (2010), bem como outros autores, como Santos (2009), Levy (2003) e Silva (2000). Os professores responderam a questionários enviados por email e nós, para efeito deste texto, consideramos apenas as que tratam do processo de autoria, entendida aqui como interferência direta no processo de ensino-aprendizagem através de disponibilização de conteúdo para o estudo dos alunos. As análises dessas respostas foram realizadas através do cruzamento das respostas dos professores das duas categorias diferentes. Concluímos que a autoria continuada é uma realidade nesse curso e a consideramos válida para outros cursos do consórcio CEDERJ que adotam o mesmo modelo de docência para a EAD. Entendemos esta forma como uma formulação intermediária entre a autoria prévia e fechada e a autoria múltipla e dinâmica possibilitada pela cibercultura.

Palavras-chave: Autoria. Polidocência. EAD. Funções Docentes.

ABSTRACT

This article seeks to discuss the issue of authorship in Distance Education in the model of the CEDERJ consortium, according to a research that analyzed the points of view of the subjects involved - discipline coordinators and distance teachers, specifically. Based on the responses of these subjects, we will discuss some practices of what we call continuous authorship, based on the *polidocência*, conception advocated by Mill (2010), as well other authors, such as Santos (2009), Levy (2003) and Silva (2000). The teachers answered questionnaires sent by e-mail and we, for the purpose of this text, consider only those that deal with the authorship process, understood here as direct interference in the teaching-learning process through the provision of material for the student study. The analysis of these answers were performed through the cross-referencing of the teachers' answers from two different categories. We conclude that continued authorship is a reality in this course and we consider it valid for other courses of the CEDERJ consortium that adopt the same teaching model for Distance Education. We understand this form as an intermediary formulation between the previous and closed authorship and the multiple and dynamic authorship made possible by cyberculture.

Keywords: Authorship. *Polidocência*. Distance Education. Teaching Functions.

Introdução

O objetivo deste texto é discutir o conceito de autoria na Educação a Distância, a partir das análises de respostas de professores, coordenadores de disciplina e tutores a distância, de um curso de Pedagogia do consórcio CEDERJ. Partimos da reflexão do conceito de autoria apoiados na noção de polidocência defendido por Mill (2010), mas entendemos que há questionamentos aos conceitos discutidos pelo mesmo, como o de Santos (2009), que se baseia no conceito de cibercultura elaborado por Levy (2003) e desenvolvido para o campo da educação a distância por autores como Silva (2000). Esta discussão teórica serviu de base para nossas análises sobre os processos vividos pelos professores e, a partir destas, elaborar críticas ao modelo e pensar em outros caminhos para o curso.

A ideia de autoria continuada surgiu ao iniciarmos as primeiras análises das respostas às questões sobre o tema formuladas no âmbito da pesquisa: Processo de ensino-aprendizagem do modelo CEDERJ, desenvolvida ao longo de 2016¹. Contribuiu para essa síntese diversas experiências de alguns autores e relatos de práticas feitas por professores

¹ Projeto aprovado ao responder ao edital CEAD/UNIRIO em 2016 no âmbito do Programa de Pesquisa e Extensão: Território e Trabalho.

das categorias destacadas, em reuniões com as equipes deste mesmo curso. Percebemos que, mesmo tendo críticas ao modelo, é necessário avançar na compreensão do papel que os diversos professores desempenham, para que fique cada vez mais evidente a necessidade de valorização dos profissionais que se dedicam a esta modalidade de formação.

Além disso, as modificações que poderão ser propostas, só farão sentido para esta equipe se entendermos melhor como o trabalho nas mesmas é realizado. Tal como nos estimula Benjamin (1989) a “escovar a história a contrapelo”, consideramos que as intervenções dos tutores a distância no desenrolar de cada semestre de suas disciplinas os coloca na posição também de coautores e, nesse sentido, a concepção de autoria continuada se justifica já que os materiais pré-formatados não são os únicos suportes de conteúdo disponibilizados para os discentes. Adotamos a concepção de Macedo (2008, p. 38), que considera como pedagógica toda atividade onde os sujeitos “se organizam e se envolvem visando uma determinada formação, operacionalizadas via seleção, organização, formulação, implantação, institucionalização e avaliação de saberes, atividades, valores, competências”.

Essas considerações iniciais nos levaram à formulação da seguinte questão: seriam as atuações das equipes docentes, ao longo dos semestres letivos, experiências de autoria continuada? A busca de respostas terá início pela discussão da autoria na EAD.

Autoria na educação a distância: discussão em pauta

Refletir a respeito do conceito de autoria é sempre adentrar em um campo minado, sobretudo, quando reconhecemos que cada teórico o concebe sob uma determinada perspectiva, revelando a falta de consenso quanto à definição do termo. A respeito dessa realidade, destacamos que essa falta de consenso não é de maneira alguma vista sob o viés negativo, mas ao contrário, nos leva à reflexão de que muito ainda precisamos avançar nesse estudo.

Assim, questões que envolvem a autoria, o autor e a escrita ainda são consideradas alvo de preocupação de muitos pesquisadores, razão pela qual alguns teóricos vêm se debruçando em pesquisas a respeito dessa temática. Dentre estes, podemos destacar os estudos de Rabaiolli e Brisolara (2015) que traçaram um panorama sobre os conceitos de autoria desde a Antiguidade até os dias atuais. Destes autores destacamos: a função-autor é histórica, tendo em vista que ela não se caracteriza a partir de uma personalidade nem de

uma discursividade, mas se modifica em decorrência das alterações e diversificações das modalidades enunciativas, isto é, dos gêneros discursivos (RABAIOLLI; BRISOLARA, 2015, p.6).

Entendemos que os materiais didáticos podem se caracterizar como um gênero discursivo diversificado e múltiplo, mas com objetivo definido. Diante das contradições apontadas pelos autores e da diversidade de definições para o termo, partimos da ideia de autoria que não se atrela exclusivamente à originalidade e, assim, recorremos a Bakhtin (2010), por compreendermos que o seu olhar para esse conceito é o que melhor acolhe as nossas discussões a respeito da questão de autoria continuada na EAD.

Na perspectiva bakhtiniana, o discurso não pode ser considerado único, original e nunca antes pronunciado. Assim, todo discurso se entrelaça com outros discursos existentes, pois para o autor não há aquele que seja irrepetível na comunicação discursiva, de uma forma ou de outra, nossos enunciados sempre são antecidos pelo(s) enunciado(s) de outro(s). Dito de outro modo, a autoria não pode ser concebida a partir da unicidade do sujeito e sim por meio de um processo dialógico, em rede líquida (JOHNSON, 2011), e, portanto, nas diversas relações que estabelecemos com o outro. Como afirma Bakhtin (2010, p. 326), “todo o dado se transforma em criado” e isso só é possível devido ao encontro das diferentes vozes, a toda essa atmosfera dialógica e polifônica na qual os discursos são produzidos continuamente. Isso significa dizer que é na interação que a autoria se constitui. Analisamos, em seguida, como a autoria foi concebida pelo consórcio CEDERJ.

A autoria no modelo CEDERJ: uma questão a ser discutida

No atual modelo desenvolvido pelo consórcio CEDERJ, elaborado no início do século XXI, o material impresso é o elemento central dos conteúdos didáticos disponibilizados aos alunos. Houve um investimento substancial no desenvolvimento de uma tecnologia própria que envolve todas as etapas desta elaboração, desde as orientações aos professores conteudistas, passando pelo processo de revisão de linguagem, onde se privilegia o texto dialogado e as inserções de ilustrações, boxes explicativos, exercícios comentados até a diagramação, impressão e distribuição gratuita nos polos. A versão eletrônica desse material também fica disponível para os alunos, em arquivo PDF, nas páginas de cada disciplina.

Nesse modelo, adota-se a concepção da equipe multidisciplinar para a elaboração, mas todo esse processo é vivido antes da disciplina ser oferecida no curso, ou seja, é o que

podemos denominar de autoria prévia. É comum o conteúdo desse material ser elaborado por um, ou no máximo, dois autores. Muitos desses livros didáticos não são elaborados pelos docentes que se responsabilizam pela disciplina no cotidiano do curso. Por vezes, algum autor inicia o processo de coordenar a disciplina junto a uma equipe de professores a distância, mas acaba saindo do curso. Independente da História de cada disciplina em particular, em linhas gerais, o processo de elaboração inicial, desse conteúdo central de cada disciplina, fica sempre descolado do processo vivido a cada semestre pela equipe docente e pelos alunos.

O que se questiona aqui é a necessidade desse material ser oferecido nesse formato, que exige um longo tempo de elaboração, mas que tende a “envelhecer” muito rápido, devido às produções de conteúdo das diversas áreas do conhecimento se renovarem constantemente. Além disso, ele se torna anacrônico quando consideramos a cibercultura, conforme a pensou Pierre Lévy (2003), e mesmo quando consideramos o cotidiano desse curso. É a partir dos desafios vividos pelos professores que buscamos o conceito de polidocência por entendermos que este nos permite avançar na compreensão de outras possibilidades de autoria.

Polidocência e concepção de autoria

Adotamos a ideia de que a autoria é um processo que se dá a partir das diferentes relações estabelecidas entre os sujeitos que participam do processo ensino-aprendizagem na educação a distância. Influenciados pelos estudos de Mill (2010), Lévy (2003), Lemos (2005) e Johnson (2011), concebemos que discutir autoria nessa modalidade, é enveredar pelo caminho da polidocência, da inteligência coletiva, da ciber-cultura-remix e das redes líquidas de informação.

Mill (2010) considera que o termo polidocência se refere ao coletivo de docentes na EAD, tutores e coordenadores de disciplinas, que em conjunto com outros profissionais da Equipe Multidisciplinar, desenvolvem atividade de ensino-aprendizagem de modo colaborativo e fragmentado. De acordo com esse autor, não estamos nos referindo a qualquer coletivo de trabalhadores, “mas ao coletivo de trabalhadores que, mesmo com formação e funções diversas, é responsável pelo processo de ensino-aprendizagem na EAD” (MILL, 2010, p.24).

Nessa perspectiva, reconhecemos que essa forma de organizar o trabalho docente na educação a distância representou a superação da unidocência, predominantemente

presente nos modelos presenciais, e trouxe, pelo menos, uma característica marcante para essa modalidade: o surgimento de diferentes categorias profissionais. Hoje, o professor não é mais o único responsável pelo ensino, pois, na concepção polidocente, contamos com a colaboração de diferentes atores, como professores-tutores, professor-conteudista, designer instrucional, dentre outros, e todos são corresponsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem.

Essa nova configuração de trabalho em conjunto, de certa forma, ressignifica o papel do professor responsável pela disciplina, abalando as estruturas de sua autonomia, já que sozinho não consegue mais garantir que a sua proposta de aula se concretize de forma plena. Por outro lado, esse compartilhamento das suas obrigações e funções com outros profissionais, além de contribuir para o aumento de qualidade pedagógica, promove a reaprendizagem das suas formas do saber ensinar, conforme apresentado por Abreu-e-Lima e Mill (2013).

Diante disso, compreendemos que a EAD se dá como polidocência, possibilitando o trabalho por colaboração e a distribuição de tarefas entre os envolvidos no processo. No entanto, isso está longe de significar que essa divisão de tarefas se caracteriza pela horizontalidade, ou seja, pela falta de hierarquização entre os sujeitos.

De acordo com as reflexões de Abreu-e-Lima e Mill (2013), a linha que separa os dois papéis - saberes pedagógicos e as funções de tutores e professor responsável institucionalmente pela disciplina - é sutil e ao mesmo tempo delicada, sobretudo quando reconhecemos que nessa linha não há um estado contínuo de harmonia, mas, ao contrário, é configurada pela instabilidade, pelas tensões e conflitos, normais em qualquer relação entre pares. Nesse sentido, considerando o curso pesquisado, podemos perceber que existe uma variedade de formas de viver essa “polidocência”, com equipes mantendo-se bem menos hierarquizadas que outras, o que afetará também a produção do material que será disponibilizado para o estudo dos alunos.

Discutir, portanto, o processo de autoria no contexto da polidocência traz novos desafios e significados para esse conceito e nos convida a refletir a respeito das diferentes formas de participação e contribuição dos sujeitos (docentes-tutores, docentes-coordenadores, equipe multidisciplinar, discentes) no pensar e ressignificar o material didático como ferramenta pedagógica. E assim, nos cabe algumas interrogações: diante dos desafios que a polidocência nos traz, podemos ainda considerar o autor na perspectiva da unicidade do sujeito? Quem é (são) o(s) autor(es) dessa nova configuração? Como podemos conceber esse processo a partir de então?

Partindo dessas questões e pressupostos, discutiremos essa outra forma de pensar autoria na educação a distância e as suas implicações para essa modalidade.

Em primeiro lugar, é importante perceber que a autoria não é uma prática individual e apesar de respeitar o que há de único e singular do autor, daquele que assina a obra, constitui-se em uma prática coletiva. Bakhtin (2010, p. 310), ao referir-se à autoria do texto, afirma que “[...] sempre há algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido, sua intenção em prol da qual ele foi criado”.

Assim, podemos pensar que, dentre os sujeitos envolvidos na EAD, também há singularidade, que em algum momento se encontra com a singularidade do outro. A esse encontro chamamos de coletividade, autoria coletiva. As reflexões nos levam ao entendimento de que não cabe mais ao docente responsável da disciplina essa autoria, o mérito não se dá de forma tão isolada assim, os discursos dos diversos participantes se encontram, se somam e se fazem presentes nas diferentes etapas do processo de construção e reconstrução do material didático, concebido aqui como ferramenta pedagógica.

Percebemos que ao longo de todo o desenvolvimento das atividades formativas, as contribuições, no que tange ao enriquecimento do material didático a ser ofertado para os alunos, são realizadas por diferentes sujeitos. O material didático, e aqui utilizaremos o material impresso do CEDERJ como exemplo, não é concebido, nessa perspectiva, de forma conclusa, mas é o tempo todo atingido e afetado pela leitura do outro, representado aqui pelo discente, pelo docente-tutor e/ou pelo docente-coordenador.

Além dessa possibilidade de afetar e serem afetados, os participantes da modalidade EAD também reconstróem esse material, dando-lhe acabamento momentâneo, na medida em que apresentam diferentes elementos para completá-lo, integrá-lo ou mesmo confrontá-lo epistemologicamente. Essa ação conjunta e ao mesmo tempo individual é percebida em diferentes momentos do processo ensino aprendizagem e ao longo de todo o semestre. Podemos considerar como exemplos desses elementos, os artigos, os diferentes textos, vídeos, blogs, dentre outros.

A esse movimento interativo, dialógico e polifônico, vivenciado pelos diferentes sujeitos da formação denominamos autoria continuada. É justamente essa dinâmica de criação e recriação que procuramos investigar.

Caminhos da investigação

A presente investigação é parte de uma pesquisa mais ampla a respeito do processo de ensino-aprendizagem no Curso de Licenciatura em Pedagogia – Modalidade a Distância da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e tem como propósito discutir o conceito autoria na educação a distância, a partir do conceito de polidocência desenvolvido por Mill (2010).

Nesse intuito, utilizamos como instrumento de coleta de dados, a aplicação de questionários, enviados por email, aos grupos envolvidos nesse processo: os professores tutores a distância, os professores tutores presenciais e os coordenadores de disciplinas do curso de Licenciatura em Pedagogia a Distância - UNIRIO. Ao total foram distribuídos cento e setenta emails ao primeiro grupo e obtivemos cinquenta respostas; cento e quatorze emails ao segundo e obtivemos onze respostas; por fim, ao terceiro e último grupo, enviamos setenta emails e obtivemos vinte e nove respostas. Ressaltamos que para essa análise foram utilizadas apenas as respostas dos tutores a distância e coordenadores de disciplinas, pois consideramos pouco expressivo o número de questionários respondidos pelos professores tutores presenciais.

Os questionários foram constituídos por doze questões, divididas em seções de acordo com o campo temático. A partir desse material e para cumprir com o objetivo deste artigo, selecionamos apenas as questões relacionadas ao material didático impresso do CEDERJ, as suas implicações e as outras formas de disponibilizar conteúdos utilizados pelos docentes².

Na interpretação de Cuiabália et al. (2011), não existe um método único aplicável a qualquer tipo de pesquisa. Nossas escolhas serão sempre movidas pelo objetivo da pesquisa, o objeto e o problema estudado. Envolvidos nesse pensamento, consideramos que essa investigação se fundamenta metodologicamente em um estudo de caso e tem como abordagem de análise o método de pesquisa *quali-quant*.

Ainda na reflexão desses autores, as abordagens qualitativas, que tendem a ser associadas a estudos de caso, dependem de estudos quantitativos, que visam gerar resultados generalizáveis, parâmetros. Dessa forma, podemos concluir que em um estudo de caso é possível utilizar tanto procedimentos qualitativos, quanto quantitativos.

Assim, a metodologia apresentada se justifica por duas razões: o curso investigado está inserido em um contexto mais abrangente, o Consórcio CEDERJ, e o corpus da pesquisa não

² Neste artigo consideramos as três categorias de sujeitos respondentes como docentes.

se restringiu às informações quantitativas extraídas dos questionários, mas, para além delas, foi constituído por interpretações à luz do referencial teórico escolhido para participar do diálogo. Apesar de estarmos mergulhados em apenas um curso do consórcio, o que explica o estudo de caso, nossas conclusões podem ser expandidas para diversos outros cursos que adotam o mesmo modelo de elaboração e disponibilização de conteúdo aos alunos.

No âmbito do consórcio há cursos que adotam formas diferentes, e mesmo neste curso de Pedagogia tomado como objeto da pesquisa, há uma disciplina que trabalha com a concepção definida por Santos (2009) da autoria em rede, onde todos são coautores e, portanto, produtores de conteúdo. Essas exceções, no entanto, não invalidam as possibilidades de generalização de nossas conclusões para os mais de quinze cursos ofertados pelas universidades consorciadas, visto que a grande maioria deles se utiliza da mesma tecnologia desenvolvida pelo consórcio.

Os dados e a análise

O nosso universo de pesquisa, conforme descrito na metodologia, é composto por dois grupos: os professores tutores a distância e os coordenadores de disciplinas. Consideramos que, dos cento e setenta *e-mails* enviados aos professores tutores a distância, quatorze retornaram e cinquenta participaram da pesquisa. Já em relação aos coordenadores de disciplinas, enviamos sessenta e quatro questionários e obtivemos vinte e nove respostas.

A respeito da primeira abordagem da pesquisa, o material didático impresso e a sua relação com a autoria, podemos inferir que, majoritariamente, as disciplinas possuem esse material como ferramenta pedagógica, mesmo que os seus sujeitos não sejam os autores do mesmo.

Percentualmente, destacamos que 82,8% dos coordenadores de disciplinas entrevistados responderam que a disciplina possui material didático impresso do modelo CEDERJ (apostila), enquanto 17,2% não. De forma um pouco diferente, mas bem próxima, essa realidade se repete entre os professores tutores a distância, onde constatamos que 62% apresentam esse tipo de material em suas disciplinas, enquanto 38% responderam de forma negativa.

Diante desses números, é possível discutir dois pontos cruciais da pesquisa: o material didático e a questão da autoria. Observamos que, grande parte das disciplinas possui material didático impresso como ferramenta pedagógica, preservando o modelo de tutoria pensado pelo CEDERJ, que tem nesse material a sua principal base. O custo zero desse suporte para o aluno pode ser a principal explicação para essa porcentagem tão expressiva, 62%, no caso dos professores tutores e 82,8% para os coordenadores de disciplinas. A diferença desses percentuais indica também que há desigualdade metodológica nesse processo, o que será objeto da continuidade da investigação.

Quando tratamos da questão da autoria desse material, constatamos que, no caso dos professores tutores a distância, desse último universo, 77,4% não participou da elaboração do material e apenas 22,6% desses sujeitos tiveram alguma colaboração nesse sentido. Já em relação aos coordenadores de disciplinas, esses dados mudam para 87,5% não são autores, e automaticamente, 12,5% apenas participaram como autores. Isso indica um alto percentual de coordenadores não autores. Há que se investigar, posteriormente, as causas da longa permanência desses materiais mesmo não sendo de responsabilidade dos atuais coordenadores das disciplinas.

A segunda abordagem da pesquisa diz respeito aos materiais didáticos mais utilizados durante as aulas. Em relação a essa questão, vale destacar a possibilidade dos sujeitos entrevistados marcarem mais de uma opção. Acerca desse momento, salientamos que 68% dos entrevistados, professores tutores a distância, usam artigos acadêmicos em suas aulas, seguido por vídeos e filmes com 66% dos votos. Já o material didático impresso - CEDERJ - se encontra em terceiro lugar, com 64%, enquanto *sites/blogs*, revistas e outros (vídeoaula e material de estudo complementar) correspondem a 48%, 18% e 8%, respectivamente.

Em relação aos coordenadores de disciplinas, constatamos que o material didático impresso - CEDERJ é o mais usado, com 75,9%, seguido de artigos acadêmicos, filmes vídeos, ambos com 69%, enquanto *sites/blogs*, revistas, livros e outros (vídeo aula e material de estudo complementar) correspondem a 48,3%, 17,2% e 37,9%, 17,2%, respectivamente.

Com base nos dados acima, podemos inferir que, embora o material didático impresso - CEDERJ - ainda tenha uma alta representatividade junto aos sujeitos dessa pesquisa, já se pode constatar que o mesmo não é unânime. Os números nos possibilitam a compreensão de que é significativa a porcentagem de sujeitos que utilizam diferentes tipos de materiais, não se limitando à proposta inicial do CEDERJ. Reforçam também a nossa percepção inicial de que os coordenadores, por serem autores, em sua maioria, tendem a dar preferência para o material de sua própria autoria, o que é demonstrado pela diferença da resposta sobre o uso preferencial do material didático (75,9% e 64%) das duas categorias docentes.

Podemos aqui considerar que, esse movimento de agregar novas ferramentas pedagógicas ao processo ensino-aprendizagem, é denominado por desenvolvimento de autoria, conforme Johnson (2011). Dessa forma, entendemos essa possibilidade porque avançamos nas redes sólidas/fechadas - conceito cunhado por Johnson (2011) - para definir os padrões que têm estabilidade, mas são incapazes de mudança presentes no modelo inicial do CEDERJ, e adentramos as “redes líquidas”, onde novas configurações podem emergir por meio de conexões aleatórias” (JOHNSON, p.47).

Nesse sentido, consideramos que a forma como esses sujeitos ressignificam o fazer pedagógico vem afrouxando cada vez mais essas redes sólidas e as transformando em redes líquidas, criando, assim, a possibilidade de agregar novas ferramentas ao processo, e, conseqüentemente, distanciando-se do modelo inicial proposto pelo CEDERJ. Seria como um “meio caminho” entre as duas situações.

Diante dessa realidade, podemos destacar pelo menos quatro razões que justificam essa expansão no uso do material. A primeira delas tem relação com o fato do material da disciplina já não mais condizer com a realidade educacional e sócio-histórica vivida, o que obriga as diferentes equipes das disciplinas a buscar novas referências e discussões. Como segundo ponto, destacamos a(s) concepção(ões) de educação desses sujeitos e ou abordagens epistemológicas ao qual esses sujeitos pertencem. Estas podem se diferenciar daquelas presentes na concepção dos que elaboraram esta proposta de material didático impresso, dificultando, assim, o seu uso enquanto ferramenta pedagógica. Entendemos que, pelo alto percentual de professores não autores, esses conflitos tendem a ocorrer com frequência, embora não os levem à mudança dos mesmos. A terceira hipótese estabelece uma relação direta com a segunda e relaciona-se com a questão 09 (nove) da presente pesquisa. Ao serem convidados a estabelecer classificações para o material didático, onde 01(um) significa ruim e 05 (cinco), excelente, uma porcentagem expressiva de 35,5% ficou entre a classificação 01 e 03 em relação à qualidade do material impresso, o que de certa forma, justifica a busca por novos materiais que possam complementar as aulas e as discussões propostas. O gráfico abaixo representa melhor essa realidade.

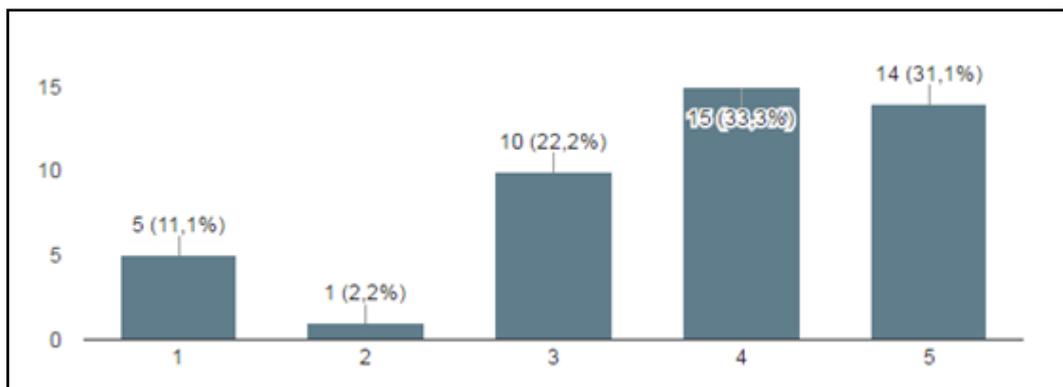


Gráfico 1: classificação do material didático pelos tutores a distância (sendo 01 - ruim e 05 - excelente)

Fonte: Pesquisa dos autores.

Da mesma forma, verificamos essa realidade no grupo de coordenadores, pois, embora consideremos que o material didático impresso tenha uma boa aceitação, com 55,2% (colunas 4 e 5 do gráfico 2), é significativo o percentual daqueles que o declaram entre as colunas 1 e 3, 44,8%, o que indica que eles não consideram suficiente esse material, conforme apresentado abaixo:

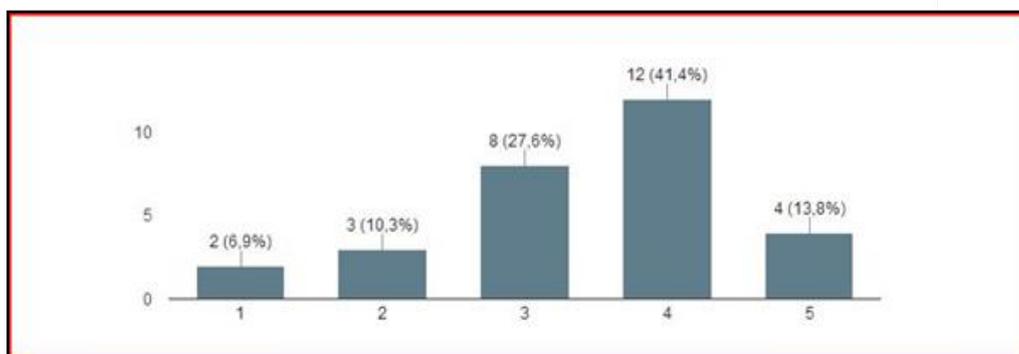


Gráfico 2: classificação do material didático pelos coordenadores de disciplina (sendo 01 - ruim e 05 - excelente).

Fonte: Pesquisa dos autores.

A quarta e última hipótese, também interligada diretamente ao segundo ponto abordado aqui, diz respeito não apenas ao fato de constatarmos que parcela significativa de coordenadores e professores tutores a distância não participaram da produção desse material impresso, mas, sobretudo, de reconhecermos, a necessidade de novos olhares e

perspectivas. Dito de outro modo, há necessidade de complementar esse material, por motivos já expressos acima.

Os dados coletados indicam que a preocupação dos sujeitos dessa pesquisa, no que se refere ao material didático impresso, não se resume em sua complementaridade. Muitos sujeitos, mesmo fazendo uso dessa ferramenta pedagógica, ao longo do processo buscam leituras e referenciais que contribuem para a formação dos seus alunos. Esse movimento de complementaridade nos remete ao entendimento de autoria na EAD, baseado na polidocência explorada por Mill (2010, 2013). Para esse autor, esse conceito está cunhado em uma atividade de intensa colaboração entre os participantes do processo, o que significa dizer que, é por meio da polidocência que viabilizamos toda essa aglutinação de materiais outros como possibilidade de ensino e aprendizagem da educação a distância, e que isso caracteriza um processo de autoria continuada.

Quando questionados se acrescentam ou não materiais ao longo do semestre, 44,8% dos coordenadores de disciplinas afirmaram que sim, de acordo com a demanda dos alunos, enquanto 34,5% responderam com “talvez” e 20,7% assinalaram a opção “não”.

Esses dados reforçam a ideia de que a autoria não é uma prática individual e sim coletiva, pois ao longo de todo o desenvolvimento das atividades formativas, as contribuições dos sujeitos enriquecem as ferramentas pedagógicas, revelando o seu estado de incompletude. Isso significa dizer que, esse material é o tempo todo, atingido e afetado pelo outro e é o outro que dará o seu acabamento, considerado, aqui, como momentâneo. Essa é uma das características do que denominamos autoria continuada.

Considerações Finais

A primeira conclusão a que chegamos é de que a questão da autoria na EAD está sendo ressignificada “por dentro” do modelo pedagógico original do consórcio CEDERJ. Pudemos constatar, por exemplo, que são inúmeras as formas de inserção de conteúdos não programados ao longo do curso e que ambas as categorias docentes consideradas aqui participam ativamente deste processo. Temos, portanto, processos vividos em parceria e de forma continuada ao longo dos semestres letivos.

Acreditamos que essas características configuram um meio de caminho entre a autoria prévia, centralizada no material impresso como único conteúdo disponibilizado para os discentes, e a autoria múltipla e aberta, em que todos os participantes da modalidade são

produtores de conteúdo, sem hierarquias nem interferências alheias ao grupo, como Santos (2009) entende que esta deva se dar na Sociedade em Rede ou na Cibercultura.

Partilhamos desse entendimento também, porém vivemos ainda um processo institucional que avança com certa morosidade devido a diversos fatores que fogem ao escopo desta análise, embora possamos levantar a possibilidade de que a precarização do trabalho docente é uma delas.

Da mesma forma que constatamos que há inúmeras possibilidades de os professores irem além das amarras do material impresso, percebemos que há aqueles que permanecem na certeza de que este deva ser o principal referencial de estudo para os alunos. Nesse embate, e através das brechas do próprio sistema, é que se viabilizam possibilidades outras, como a que definimos como autoria continuada. Esta pode, portanto, ser considerada como uma criação coletiva, que foi impulsionada pelo engessamento da proposta original de tratamento dos conteúdos e pelo distanciamento dos professores autores do cotidiano das disciplinas. Os sujeitos que assumem a tarefa se veem na obrigação de adotar soluções diversas e tendem a explorar, com mais eficácia, os recursos disponíveis na grande rede.

Apontamos ser esse um passo adiante nas mediações dentro deste curso e, na continuidade desta e de outras pesquisas em andamento, outros caminhos ficarão mais claros para os envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem na EAD. Acreditamos também que, ao pesquisarmos com os alunos deste mesmo curso as situações de ensino-aprendizagem, outras questões igualmente desafiadoras irão surgir.

Referências

ABREU, D; MILL, D. Reflexões sobre autonomia e limitações nas relações polidocentes na Educação a Distância. *Teoria e Prática da Educação*, v. 16, n. 1, p. 33-46, 2014.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 5. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 5. ed. 1993.

CUIABÁLIA, C. et al. (2011). *Pesquisa quali-quant*. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/Procambiental/qualiquanti-8000463>>. Acesso em: 10 maio 2017.

JOHNSON, S. *De onde vêm as boas ideias*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LEMOS, A. Ciber-cultura-remix. In: *Seminário: sentidos e processos*. São Paulo: Itaú Cultural, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2017.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2003.

MACEDO, R. S. *Currículo: campo, conceito e pesquisa*. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MILL, D.; RIBEIRO, L. R.; OLIVEIRA, M. R. (Org.). *Polidocência na Educação a distância: múltiplos enfoques*. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

RABAIOLLI, M.; BRISOLARA, V. S. Autoria: diversidade de conceitos. *XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação SEPesq* – 19 a 23 de outubro de 2015.

SANTOS, E. Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho, 2009.

SILVA, Marco. *Sala de aula interativa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

VELOSO, M. M. S. de A.; BONILLA, M. H. S. O professor e a autoria em tempos de cibercultura: a rede da criação dos atos de currículo. *37ª Reunião Nacional da ANPEd* – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

Submetido em 30/10/2018

Aprovado em 19/03/2019